



# A influência

sociocultural nos cotidianos do  
ambiente escolar da Escola Municipal  
Aristófanés Bezerra de Castro

*Maria Eduarda Glória Neves*

*Mariele Lima da Silva*

*Jediã Ferreira Lima*

*Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva*

# A influência sociocultural nos cotidianos do ambiente escolar da Escola Municipal Aristófanés Bezerra de Castro

*Maria Eduarda Glória Neves<sup>51</sup>*

*Mariele Lima da Silva<sup>52</sup>*

*Jediã Ferreira Lima<sup>53</sup>*

*Maria do Perpétuo Socorro Sotero da Silva<sup>54</sup>*

## RESUMO

O relato a seguir traduz a experiência vivida em outubro de 2022 na Escola Municipal Aristófanés Bezerra de Castro por graduandas de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) participantes do Projeto Assistência à Docência (PAD). O relato se encaminha pelo viés sociocultural, analisando, a partir dos

---

51 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: megn.ped21@uea.edu.br

52 Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: mlids.ped19@uea.edu.br

53 Professora e Pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: jedylima@hotmail.com

54 Professora e pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão do Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus. E-mail: helpsotero@hotmail.com

desdobramentos/ressignificar pedagógicos propostos pelas Assistentes Docentes (AD), a influência da cultura da comunidade presente ao redor da escola e como esta aflige as relações naquele contexto escolar. Considerando o ano atípico de 2022, visto que se trata da volta às aulas no período pós-pandêmico, o ano de eleições e o início de uma turma de 8º ano, e tendo nossa primeira experiência nos Anos Finais do Ensino Fundamental no chão da escola (sendo que os dois últimos anos foram vividos atrás de telas), discutiremos nossa intervenção a partir dessas lentes. Para a construção dessa narrativa, dialogaremos com Vera Candau (2012), Juarez Dayrell (1999), Paulo Freire (1996), Selma Garrido Pimenta (2012) e Maurice Tardif (2012).

*Palavras-chave: Sociocultural; Histórico-crítico; Ambiente escolar.*

## ABSTRACT

The following report translates the experience lived in October 2022 at the Municipal School Aristófanés Bezerra de Castro by undergraduate students of the Pedagogy Degree at the State University of Amazonas (UEA) participating in the Teaching Assistance Project (PAD). The report follows the sociocultural bias, analyzing, from the pedagogical unfolding/reframe proposed by Teaching Assistants (AD), the influence of the culture of the community present around the school and how this afflicts the relationships in that school context. Considering the atypical year of 2022, since it is a return to school in the post-pandemic period, the year of elections and the beginning of an 8th grade class, and having our first experience in the Final Years of Elementary School on the school floor (being that the last two years were lived behind screens), we will discuss our intervention from these lenses. For the construction of this narrative, we will dialogue

with Vera Candau (2012), Juarez Dayrell (1999), Paulo Freire (1996), Selma Garrido Pimenta (2012) and Maurice Tardif (2012).

*Keywords: Sociocultural; Historical-critical; School environment.*

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente relato tem como finalidade discorrer como foram as experiências vivenciadas pelas duas graduandas do curso de Pedagogia como Assistentes Docentes (AD) do Projeto Assistência à Docência (PAD) do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O PAD nos proporciona diversas experiências, como: vivenciarmos o que é a docência na prática, assumirmos/acompanharmos uma sala de aula, conhecermos a realidade das escolas e compreendermos o processo da relação entre teoria e prática.

A narrativa a seguir, que relata tais experiências vivenciadas, emerge a partir de problematizações percebidas em três turmas do 8º ano da Escola Municipal Aristófanés Bezerra de Castro, escola pública localizada na Zona Leste da cidade de Manaus/AM, proporcionadas pelo PAD. A temática abordada tem como enfoque relatar a influência sociocultural dentro do ambiente escolar e como se dão as relações sociais nesse espaço, a partir da realidade cotidiana para além da vivência escolar dos estudantes, da comunidade e do contexto em que a escola está inserida.

Para darmos início, relataremos as nossas trajetórias acadêmicas, como foi a experiência e o sentimento até chegarmos ao PAD através do LEPETE. Após isso, abordaremos sobre a escola, as vivências e as práticas em sala de aula. E por último, falaremos sobre saberes e aprendizagens construídos nos encontros formativos proporcionados pelo projeto.

## DO ESPAÇO ESCOLAR AO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO

Relatar as nossas trajetórias do vestibular até chegarmos aqui é podermos compartilhar com alegria a conquista que nos possibilita vivermos mais perto da realidade de ser uma docente. As trajetórias narradas são de duas graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia, AD integrantes do PAD, que é um dos projetos desenvolvidos pelo LEPETE.

Eu, Maria Eduarda Glória Neves, 19 anos, sou graduanda do Curso de Pedagogia do 4º período da UEA. Entrei para o curso no 2º semestre do ano de 2021, em meio a um contexto pandêmico, em que por um período e meio meu contato com a academia estava sendo intermediado por tecnologias, o ensino remoto. Soube do LEPETE durante a acolhida dos calouros e logo após esse momento soube que uma das idealizadoras do projeto, a Profa. Dra. Eglê Wanzeler, iria ministrar a disciplina de História da Educação.

Meu interesse em participar do PAD aflorou ainda mais, foi o momento em que fiz minha inscrição para concorrer à vaga e em março de 2022 fui convocada para uma entrevista dirigida pela Profa. Ma. Jediã Lima, que me explicou sobre o projeto que eu tanto ansiava fazer parte, o PAD. Foi nesse momento em que eu tive meu primeiro contato com a Universidade e com a minha futura profissão. Contato esse primordial para minha formação docente.

A Universidade (teoria), juntamente com o PAD (prática) oportunizaram a minha articulação entre o que estudo e de que forma isso pode ser compartilhado em sala de aula/sala de experiência. As formações continuadas e oficinas ministradas pelo PAD, pensando nos desafios que enfrentamos como professoras em formação assumindo uma sala de aula, agregaram de forma enriquecedora o nosso fazer docente, nossas articulações e desdobramentos/ressignificações, nos direcionando e desmistificando o professorar. Fazer parte de um projeto que nos oportuniza o contato com a escola antes mesmo da finalização do curso, foi e é transformador do início ao fim.

Eu, Mariele Lima da Silva, tenho 21 anos e sou graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, cursando o 8º período no turno noturno na UEA. Durante todo o Ensino Médio me preparei para o tão esperado “vestibular”, nunca havia passado pela minha cabeça ser uma professora-pedagoga, mas no dia de escolher um curso, olhei cada ementa, uma a uma, e o que eu mais me identifiquei foi com a Pedagogia.

Quando saiu o resultado do vestibular foi uma grande felicidade e no primeiro semestre de 2019 ingressei na UEA. Logo na acolhida, ouvi falar sobre o LEPETE e fiquei muito curiosa em saber como funcionava, mas no ano seguinte veio a pandemia e só em agosto de 2022, após entrevista com a querida Professora Maria Quitéria Afonso, foi que pude adentrar a este projeto. No pouco tempo em que estou no projeto, ele já me proporcionou diversas experiências únicas e especiais nas escolas e nas formações continuadas proporcionadas aos AD pelo PAD. As formações tratam de diversas temáticas, assim como partem da realidade que vivenciamos dentro do contexto escolar proporcionando discussões, reflexões sobre a nossa prática e possibilidades de uma nova ação, o que chamamos de ação-reflexão-ação. Antes eu tinha muitas dúvidas quanto ao que queria seguir, hoje eu me vejo dentro de uma sala de aula como professora em formação, lecionando e enfrentando os desafios para proporcionar uma educação emancipadora, significativa e de qualidade.

## **A ESCOLA: UM ESPAÇO SOCIOCULTURAL**

A Escola Municipal Aristófanés Bezerra de Castro está localizada em uma área urbana na Zona Leste de Manaus/AM, na Rua Benjamim s/n, Conjunto Aliança com Deus - Cidade de Deus. Atende turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e da Educação de Jovens e Adultos. Nas redondezas da escola encontramos diversos fatores sociais que geram influências nos estudantes e, conseqüentemente, no ambiente escolar.

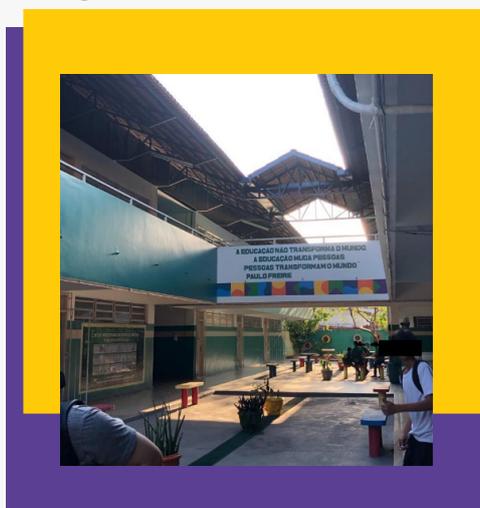
Figura 1: E.M Aristófanes Bezerra de Castro



Fonte: Google (2020)

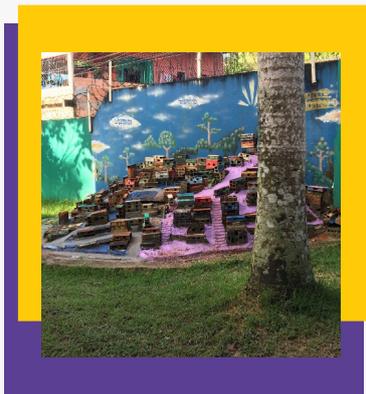
Com uma infraestrutura arejada e repleta de cores vivas, a escola apresenta uma estrutura espaçosa, com salas de aula que comportam em média 30 estudantes, com espaços generosos para cada um. O prédio possui exposições de artes diversas, desde uma representação de zonas periféricas construída por tijolos coloridos representando as casas, até exposição de poesias e prosas autorais desenvolvidas pelos próprios estudantes e espalhadas pelas paredes e murais da escola. Também, em muros altos no espaço são encontradas citações de grandes pensadores e educadores brasileiros, como o antropólogo Darcy Ribeiro e o patrono da educação brasileira, Paulo Freire.

Figura 2: Entrada da Escola



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

Figura 3: Representação da comunidade



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

Para nós, a cada ida à escola se tornava um desafio, pois no decorrer da nossa formação em Pedagogia nosso enfoque é a criança e ao chegar em uma escola de Ensino Fundamental Anos Finais, com adolescentes, é uma realidade diferente. Mas sempre encaramos com muito entusiasmo a oportunidade de vivenciar essa nova experiência.

## VIVÊNCIAS E CURRÍCULOS SOCIOCULTURAIS

Nossas vivências foram com as turmas do 8º ano e é interessante que mesmo as turmas sendo do mesmo ano e uma grande parte ter a mesma idade, a realidade de cada turma é muito diferente. Por isso, segundo Dayrell (1999), é importante olharmos a escola como um espaço sociocultural, pois nela encontramos diversos estudantes com diferentes culturas. Cada um deles possui suas características próprias e suas singularidades, levando consigo seus conhecimentos de mundo, suas experiências e vivências externas. Foi o que pudemos observar no decorrer dos dias em que fomos à escola atuar como AD, e que, em nossas concepções, torna muito mais rica a experiência em sala de aula quando se leva em consideração a realidade dos estudantes, como afirma Dayrell (1999):

Em outras palavras, os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns “óculos” pelo qual vêm, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo, à realidade onde se inserem. Não há, portanto um mundo real, uma realidade única, pré-existente à atividade mental humana (p. 6).

Logo, conhecer a realidade desses adolescentes é fundamental para compreender as atitudes, as falas e os comportamentos manifestados por eles.

Diante disso, queremos enfatizar que no ano de 2022 nossas articulações no trabalho como AD se deram em um contexto pós-pandêmico, onde por dois anos (2020 e 2021) crianças e adolescentes se depararam enclausurados em suas prisões físicas, mentais e espirituais, sendo que seus familiares muitas vezes fomentam tal processo de aprisionamento, enclausurando-os ainda mais em suas inflamações mentais.

Os estudantes tiveram que iniciar a etapa nos Anos Finais do Ensino Fundamental longe dos momentos de socialização na escola e durante esse árduo processo encontraram um aliado proveniente da globalização: as tecnologias. Foram minutos, horas, dias e meses em frente a uma pequena tela emitindo luz branca para seus olhos que se encontram hipnotizados, processando o máximo de informação que se pode receber. Curtiam, comentavam e compartilhavam suas opiniões nesses espaços virtuais, caindo na ilusão da falsa liberdade, em que a internet é uma “terra sem lei”.

Nesse sentido, destacamos que nas observações feitas entre o período de abril a novembro de 2022, foi notória a presença marcante dos celulares em todos os espaços escolares, seja na hora do lanche ou em sala de aula. As relações entre pares se mostravam distantes: estudantes andando de cabeça baixa e olhando seus dispositivos móveis, imersos na imensidão que é a internet, priorizando o contato com o mundo e desprezando conexões com seus pares.

No entanto, mesmo com os cotidianos dos estudantes imersos nas tecnologias, durante as diversas vivências dentro da escola enquanto AD, pudemos observar também a recorrência de casos conflituosos ocasionados por brigas internas dos estudantes, conflitos esses que variavam desde relacionamentos amorosos até brigas e xingamentos em redes sociais. Nesse caso, a intervenção pedagógica escolhida por nós foi o diálogo sobre a educação como um direito humano, onde foram relatadas pelos estudantes diversas práticas e fazeres desmotivadores dentro e fora do espaço escolar, as quais desestimulavam a permanência deles na escola.

Nessa perspectiva, decidimos realizar uma pesquisa na escola a partir de uma coleta de dados nas turmas do 8º ano, sendo elas: A, B e C, onde foram analisadas a frequência das práticas desmotivadoras relatadas pelos estudantes. Durante esse nosso acompanhamento como AD na escola, ficávamos responsáveis pelo componente curricular Língua Portuguesa, em que a Profa. Edilene Vasconcelos de Menezes, que participa do curso de pós-graduação na própria escola, através do Projeto Oficinas de Formação em Serviço, uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação e a UEA, sempre destinava atividades que pudessem estimular a criticidade dos estudantes e gerar reflexões. Desse modo, essa pesquisa emerge a partir das narrativas feitas pelos estudantes, possibilitando nossas observações, assim como pudemos ouvir suas perspectivas referentes ao ambiente escolar, suas relações interpessoais, bem como o que eles pensavam e sentiam vivendo essas relações cotidianamente e a resolução de problemas que eles encontravam como alternativas.

A coleta de dados foi feita em média com 25 estudantes por turma (considerando 27 no 8º A, 28 no 8º B e 20 no 8º C). E ao longo dessa narrativa será analisada a forma que cada turma se apropriou dos desdobramentos/significações da atividade, evidenciando assim, as características culturais do ambiente de sala de aula. Como decidimos realizar a mesma atividade para as turmas com diferentes faixas etárias (variando entre 12 à 14 anos) e suas singularidades, foi possível

percebermos como as interações dentro do espaço da sala de aula afetam significativamente o processo de ensino e aprendizagem

A atividade realizada foi do livro didático, em que tinha um capítulo chamado “A Educação Como Direito Humano”, o qual trazia algumas questões norteadoras para despertar a criticidade dos estudantes em relação ao tema. Assim, através de um diálogo sucinto decorrente do pouco tempo em sala de aula (quarenta e cinco minutos) foi possível observarmos um mesmo padrão de respostas em cada problemática apontada pelos estudantes: as relações aluno/escola apresentavam fragilidades.

Nesse sentido, na sala de aula do 8º ano A, foi levantada pelos estudantes a discussão sobre ofensas em redes sociais trazidas para a escola e a falta de respeito entre eles, culminando em muitas inflamações entre os colegas de sala de aula. Sendo que a participação dos estudantes no apontamento sobre as desmotivações foi mais intensiva, com quatro apontamentos de forma global, considerando falas ratificadas e comprovadas com uma grande parcela da turma, e tendo um número de situações-problema maior que as outras turmas. Logo, comungamos com Candau (2012) quando ela afirma que:

Acreditamos que esse mal-estar presente nas escolas, entre educadores e educadoras, assim como entre alunos e alunas, exige que nos enfrentemos a questão da crise atual da escola não de um modo superficial. Este tenta reduzi-la à inadequação de métodos e técnicas, à introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação de forma intensiva, ou ao ajuste da escola à lógica do mercado e da modernização (p. 57).

Para a autora, o surgimento de novos paradigmas sociais, culturais, políticos e pedagógicos escancaram que a educação precisa ser ressignificada e transformada o quanto antes. E nessa marcha para a reinvenção da escola, ressaltamos que o papel do professor é ser um agente sociocultural, incumbido nesse processo de transformação.

Com relação à realização da atividade na turma do 8º ano B, foi citado que entre os estudantes havia um conflito político que ocorreu durante o período próximo às eleições, disseram que dentro da sala de aula existiam divergências de opiniões e convicções, pois uns se diziam serem de “direita” e outros de “esquerda”, sendo esse um dos motivos que, inclusive nessa atividade, gerou uma grande discussão entre eles. Essa é uma turma que sempre se mostra calorosa com a nossa chegada na escola e nesse dia não foi diferente. Apesar de fazerem apenas dois apontamentos, houve uma grande concordância da turma sobre as questões levantadas, e os estudantes sentiram-se bastante confortáveis ao falarem da forma que determinadas situações os incomodavam.

Para nós, futuras professoras, foi interessante presenciar esses conflitos, pois os estudantes ainda não tinham idade para votar, mas possuem influências políticas que são trazidas do ambiente familiar; com isso, eles já têm suas opiniões formadas sobre o assunto. Assim, no decorrer da realização da atividade, buscamos trazer as discussões de forma crítica, reflexiva e respeitosa para que eles pudessem compreender que nem todos pensam da mesma forma, mas que o assunto tratado é de importância para todos e para o futuro do nosso país.

No que diz respeito à turma do 8º ano C, uma das falas dos estudantes foi sobre a falta de respeito entre os colegas e professores, em que observamos que muitos desses comportamentos partem de influências externas, que os acompanham para dentro da escola. Muitos chegam desmotivados, sem interesse de estudar e é possível notar isso através dos seus rostos e em suas expressões faciais. Nessa turma, os estudantes se mostraram desconfiados com a chegada de professoras que não eram da escola, logo, a insegurança no desabafo se instaurava e com apenas um apontamento e pouca interação acerca dele, a atividade foi finalizada com pouco diálogo.

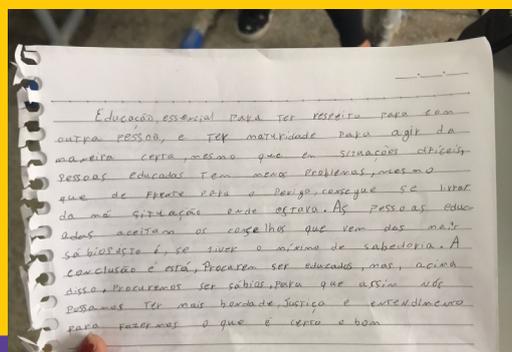
Diante do exposto, ao dialogarmos com os estudantes, muitos deles se sentiam cansados, se diziam depressivos e com muitos problemas, o que nos preocupou e nos levou a querer confortá-los, ainda que

naqueles 45 minutos de aula. Por isso, é importante olhar para eles não somente como estudantes que têm que cumprir as regras, fazer as atividades e passar de ano, mas olhá-los como seres humanos que já passaram ou ainda passam dificuldades, as quais não são anuladas do portão da escola para dentro. Assim, recorreremos a Dayrell (1999) que nos diz:

Portanto, os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos (p. 9).

Dando continuidade ao desdobramento/ressignificação da atividade já mencionada sobre “A educação Como Direito Humano”, solicitamos também que os estudantes das três turmas realizassem um texto de forma discursiva, em que pudessem escrever o que eles entendem sobre “Educação”, e escolhemos uma dessas escritas para refletirmos sobre a importância da educação para o estudante S do 8º ano B.

Figura 4: Atividade escrita sobre educação do estudante S



Fonte: Arquivo LEPETE/UEA (2022)

Para o estudante S, a educação vem carregada de princípios morais que, provavelmente, é trazida da sua criação familiar quando ele cita primeiramente, o respeito ao próximo. Sabemos que o respeito é importante em todo lugar, com todas as pessoas, com todas as diferenças e com as individualidades de cada um. Para esse estudante, a educação permite que tenhamos menos problemas, pois através dela poderemos adquirir maturidade para agir frente às situações da vida. Ele ressalta que quando uma pessoa é educada, ela procura ouvir e aceitar os conselhos dos sábios, das pessoas com mais experiência, e com isso, é possível adquirir sabedoria quando se aprende com o outro. Ele conclui dizendo que as pessoas devem procurar ser educadas e sábias, para que o mundo possa ter mais bondade e justiça e assim, faremos o que é certo e bom.

Através dessa atividade, pudemos ouvir as inquietações dos estudantes, e conseguimos desdobrá-la e redimensioná-la para uma escrita significativa, em que eles puderam refletir sobre a educação, a escola, as relações sociais e afetivas e a importância que tudo isso tem na vida deles. Foi uma atividade que nos marcou, nos proporcionando um olhar mais humano com relação a esses estudantes, considerando os fatores sociais e culturais que permeiam as histórias de vida deles.

Nesse sentido, a partir dos diálogos com as três diferentes turmas, percebemos que a forma como os estudantes se relacionaram com o assunto proposto na atividade, foi reveladora para nós sobre o quanto confortáveis eles se sentiram na sala de aula. É importante salientar, que apesar deste relato apresentar um desdobramento/ressignificar pedagógico de uma atividade pontual, por trás dele foram sete meses em que nós, professoras em formação, realizamos observações intensivas sobre as três turmas e seus estudantes, a partir dos acompanhamentos como AD do PAD.

Ante o exposto, é relevante pontuar que a perspectiva crítico-reflexiva que embasou nossa prática pedagógica em sala de aula, teve o objetivo principal em promover o pensar sobre a forma em que o contexto nos atinge enquanto sujeitos em sociedade. Assim, quando Freire (1996, p. 43) discute a questão da busca e a assunção

de identidade dos sujeitos, ele ressalta o papel da escuta e acredita que “a aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam os donos da verdade e do saber articulado”. Muitas vezes, um simples espaço que o professor abre em sala de aula para discussões/reflexões com os estudantes, isso significa um grande gesto para a formação desses sujeitos que ali se encontram. O momento de escuta e fala sobre os conhecimentos prévios deles, suas histórias de vida, seus saberes e suas culturas quando levados para debates na sala de aula, tornam o ensino e a aprendizagem significativos e inclusivos.

Portanto, a partir de momentos em que críticas reflexivas permeiam o nosso pensar é que temos a possibilidade de ressignificar o fazer pedagógico. Logo, a função da escola vai além dos seus muros e do ensino de conteúdos, ela nos possibilita ser agente social, com respeito, tolerância e amorosidade ao próximo.

## **APRENDENTES DE PROFESSORAS: SABERES INTERDISCIPLINARES, TRANSDISCIPLINARES E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE**

O PAD oferece uma grande oportunidade de qualificação profissional inicial para aqueles que atuarão como professores, a partir da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade que se dá por meio da troca de conhecimentos e saberes entre as diferentes licenciaturas presentes no projeto, bem como possibilita ao professor em formação, conviver com estudantes dos diversos níveis e modalidades de ensino da Educação Básica.

Nesse contexto, à luz de nossos fazeres e necessidades, são ministradas formações continuadas pelo PAD, as quais são pensadas para que possamos superar os desafios que permeiam os cotidianos da escola, bem como para que as Coordenadoras do PAD possam nos auxiliar de forma constante e dinâmica durante nossa atuação como aprendentes de professoras.

Desse modo, além dos momentos formativos que vivenciamos, uma vez por semana a Coordenação e os AD se reúnem para a socialização de relatos crítico-reflexivos acerca das nossas vivências em sala de aula, onde é possível fazermos uma mediação sobre a realidade e os desafios enfrentados no chão da escola.

Durante todo o nosso percurso nas escolas atendidas pelo PAD, as formações continuadas desempenharam e desempenham um papel primordial na formação da nossa identidade profissional docente, posto que é um momento de reflexões, construção e reconstrução de conhecimentos e de desenvolvimento pessoal e humano. A partir dessas formações, o nosso fazer docente se torna mais significativo e inclusivo, pois o teórico-prático passa a andar de mãos dadas, como enfatizam as autoras:

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (PIMENTA; LIMA, 2012, p. 43).

Assim, através dos encontros formativos podemos compreender melhor as especificidades e dificuldades dos estudantes, a fim de auxiliá-los a minimizar esses impactos em seus processos de aprendizagem. Neste sentido, Tardif (2012, p. 14) nos diz que: “o saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho”.

Com base nessa premissa levantada, uma das formações continuadas que participamos foi a oficina nomeada “Contexto histórico da educação brasileira: do Brasil Colônia aos dias atuais”, ministrada pela formadora Eglê Wanzeler no dia 19 de setembro de 2022, a qual nos auxiliou e orientou a ter um olhar diferenciado sobre a forma com que a política sempre esteve presente nos espaços escolares, e que discussões acerca de temas sociais pertinentes são,

além de necessárias, essenciais para o sujeito em formação, posto que é na socialização de temas como esse que o estudante forma seu pensamento crítico e reflexivo.

Esse momento formativo foi muito importante, inicialmente ele fundamentou e embasou nossas vivências nas turmas apresentadas no decorrer desse relato, pois para elas, o ano letivo de 2022 foi movimentado por confluências socioculturais e sociopolíticas. Em meio às novas experiências vividas pelos estudantes que iniciavam os anos finais do Ensino Fundamental, também vieram as discussões sobre as eleições que aconteceram naquele ano e a polaridade que se encontrava nas ruas também chegou às salas de aula. Então, nosso papel como AD foi fazer a mediação do diálogo e proporcionar reflexões, pois tínhamos consciência de que aquele assunto não podia ser postergado, por ser um tema pulsante, atual e importante para todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término desse relato, concluímos que o espaço escolar recebe influências socioculturais que são trazidas pelos estudantes e por todos que fazem parte dele, sendo que tais influências são fonte de culturas e saberes que devem compor os currículos e os cotidianos da escola, a fim de proporcionar uma educação igualitária, democrática e inclusiva, respeitando as vivências e diferenças de cada um.

Com isso, é necessário o movimento constante de ação-reflexão-ação, que permite que os estudantes possam estar mais envolvidos e motivados dentro da escola, considerando suas culturas e suas vivências.

Sabemos que existem inúmeras barreiras a serem superadas na construção de uma educação menos desigual e de um ambiente escolar atrativo e acolhedor, porém, observar o cotidiano escolar pela dinâmica sociocultural faz com que a relação entre os sujeitos escolares (gestores, professores, funcionários e estudantes) seja dinâmica, respeitosa, afetuosa e resulte gradativamente em mudanças a favor de uma educação igualitária e emancipatória, conforme aprendemos com o patrono da educação, Paulo Freire.

# Referências

CANDAU, Vera. O/A educador/a como agente sociocultural. *In*: CANDAU, Vera (org.). **Didática crítica intercultural aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. *In*: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre a educação e cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: PAZ E TERRA, 1996. (Coleção Leitura)

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.